

autêntica

LIMA BARRETO

Cronista do Rio

ORGANIZAÇÃO Beatriz Resende



As esquinas

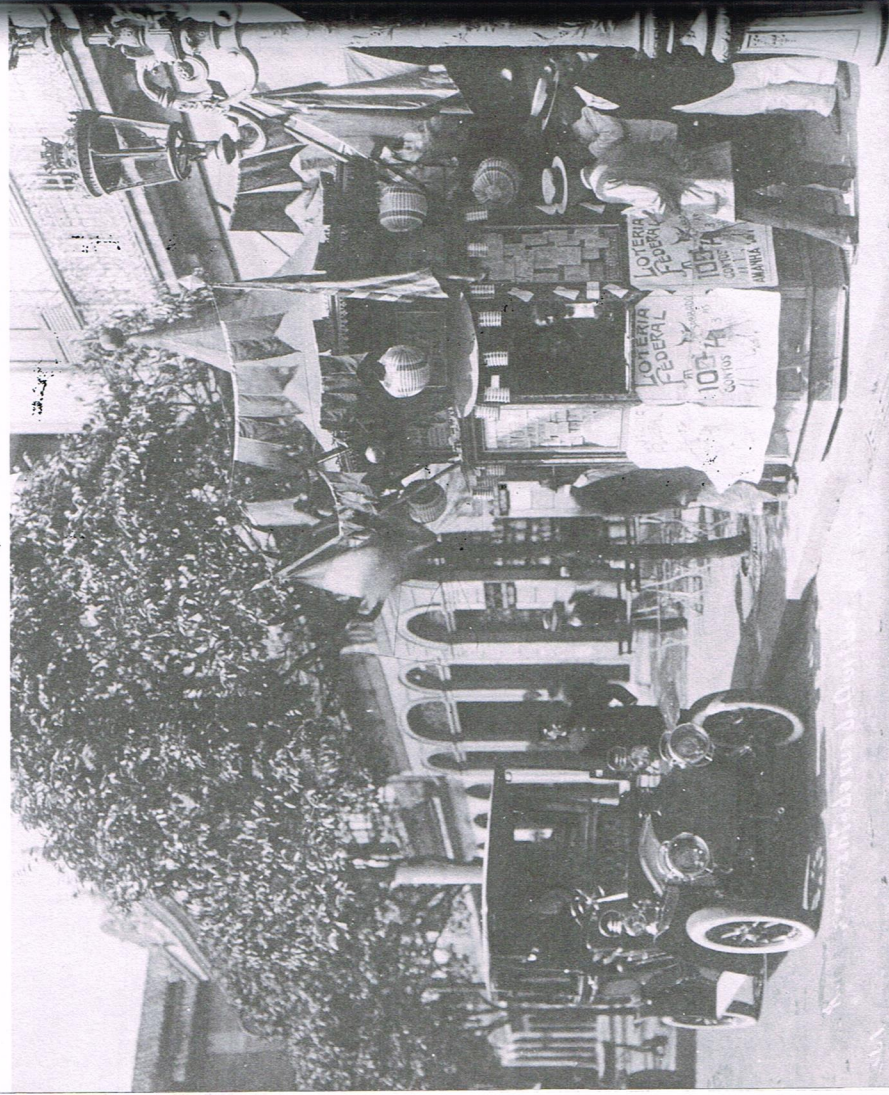
Correio da Noite | 9-1-1915

A questão da venda de jornais volta a ser ventilada e há a tal respeito um projeto no Conselho Municipal. Os jornais, em geral, se insurgem contra a regulamentação desse comércio. Não vemos razão para semelhante procedimento.

São as folhas volantes artigo de comércio como outro qualquer e dessa mercancia diversas pessoas auferem lucros, às vezes mesmo fabulosos, como no caso dos distribuidores.

É verdade que o imposto sobre os pequenos vendedores viria dificultar a circulação dos jornais, mas continuar a exposição dos jornais, como se faz atualmente na via pública, tomando os passeios, é coisa que não depõe muito francamente para o nosso adiantamento.

Os gansos do “Binóculo”, é de estranhar que não tenham ainda dado o alarme... Acresce o fato de que tais lugares são vendidos por avultadas quantias, passam de dono a dono,



como se fossem verdadeiras casas comerciais, para justificar um maior rigor na fiscalização de tal comércio.

Não se compreende que certa e determinada classe de mercantes goze de privilégios e não se pode compreender também que a rua, propriedade comum, patrimônio de todos, seja cindida, limitada aqui e ali, transformando-se certos espaços dela em propriedade de alguns.


Que o Conselho Municipal tem toda a razão em voltar as suas vistas para o caso, não há pessoa de bom senso que o negue.

Basta passar pelas esquinas das ruas transitadas para verificar como é desagradável, como perturba o trânsito o acúmulo de jornais que os vendedores nelas fazem.

Considere-se ainda que o número de jornais tende a crescer, que todos eles querem ser postos à venda, para justificar uma lamentação que se faz mister, a menos que não queiramos ver os passeios das nossas ruas transformados em mostruário de quotidianos.

Os homens viajados e passeados pelo mundo dizem que essa venda é feita em outras capitais, em quiosques especiais – por que não pode ela ser feita aqui da mesma maneira?

Os pequenos vendedores não são o mais grave aspecto da questão; os “jornaleiros” estacionados nas esquinas, julgo eu, é que constituem a face mais importante do problema.

Os nossos edis, que já protegeram a virtude com certo uniforme adequado, devem quanto antes voltar as suas vistas para essa feição da nossa vida urbana e resolvê-la cabalmente. 



Com o “Binóculo”

Correio da Noite | 11-1-1915

Ontem, domingo, o calor e a mania ambulatória não me permitiram ficar em casa. Saí e vim aos lugares em que um “homem das multidões” pode andar aos domingos.

Julgava que essa história de *piqueniques* não fosse mais binocular; o meu engano, porém, ficou demonstrado.

No Largo da Carioca havia dois ou três bondes especiais e damas e cavalheiros, das mais *chics* rodas, esvoaçavam pela Galeria Cruzeiro, à espera da hora.

Elas, as damas, vinham, todas vestidas com as mais custosas confecções ali do Ferreira, do Palais, ou do nobre Ramalho Ortigão, do Parc, e ensaiavam sorrisos como se fossem para Versalhes nos bons tempos da realeza francesa.

Eu pensei que uma pasmosa riqueza tinha abatido sobre o Ameno Resedá ou sobre a “Corbeille des Fleurs” do nosso câmarada Lourenço Cunha; mas estudei melhor as fisionomias e recebi a confirmação de que se tratava de

De toda a parte, corria gente a falar com ele, a abraçá-lo, a fazer-lhe festas. Eram homens de todas as condições, de todas as roupas, de todas as raças. Vinham os encartolados, os brilhantados, e também os pobres, os malvestidos, os necessitados de emprego.

Certa vez a aglomeração de povo foi tal que o guarda-civil de ronda compareceu, mas logo afastou-se dizendo:

— É o nosso homem.

Bem; isto é história antiga. Vejamos agora a moderna. Atualmente, o mesmo observador que lá parou, a fim de guardar fisionomias belas ou feias, alegres ou tristes, e registrar gestos e atitudes fica surpreendido com a estranha diferença que há com aspecto da chegada do mesmo deputado. Chega o seu automóvel, um automóvel de muitos contos de réis, iluminado eletricamente, motorista de fardeta, todo o veículo reluzente e orgulhoso. O homem salta. Para um pouco, olha desconfiado para um lado e para outro, levanta a cabeça para equilibrar o *pince-nez* no nariz e segue para a escusa entrada do hotel.

Ninguém lhe fala, ninguém lhe pede nada, ninguém o abraça — por quê?

Por que não mais aquele ajuntamento, aquele fervedouro de gente de há quatro meses passados?

Se ele sai e põe-se no passeio à espera do seu rico automóvel, fica isolado, sem um admirador ao lado, sem um correligionário, sem um assecla sequer. Por quê? Não sabemos, mas talvez o guarda-civil pudesse dizer:

— Ele não é mais o nosso homem.

O convento

Gazeta da Tarde | 21-7-1911

Noticiaram os jornais, com pompa de fotografuras e alarde de sabenças históricas, que o Convento da Ajuda, aquele ali da Avenida, fora vendido a alguns ingleses e americanos pela bela quantia de mil oitocentos e cinquenta contos.

Houve grande contentamento nos arraiais dos estetas urbanos por tal fato. Vai-se o mostrengo, diziam eles: e ali, naquele canto, tão cheio de bonitos prédios, vão erguer um grande edifício, moderno, para hotel, com dez andares.

Eu sorri de tão santa crença porque, se o Convento da Ajuda não é tão bonito como o Theatro Municipal, tanto um como outro não são belos. A beleza não se realizou em nenhum dos tais edifícios daquele funil elegante; e se deixou o Theatro Municipal, e olho o Club Militar, a monstruosa Biblioteca, a Escola de Belas-Artes, penso de mim para mim que eles são bonitos de fato, mas um bonito de nosso tempo, como o convento o foi dos meados do nosso século XVIII.

Naquele tempo, isto é, entre 1748 e 1750, quando ele ficou mais ou menos pronto, se já houvesse jornais, certamente eles falaria-
riam no lindo e importante edifício com que ficou dotada a leal e
heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Falariam com o
mesmo entusiasmo com que nós falamos ao se inaugurar o teatro do
doutor Passinhos. Não os havia e não podemos passar de suposições.
Decorreram cento e cinquenta anos e nós ficamos aborrecidos com
o tal lindo edifício.

O bonito envelhece, e bem depressa; e eu creio que, daqui a
cem anos, os estetas urbanos reclamarão a demolição do Theatre
Municipal com o mesmo afã com que os meus contemporâneos
reclamarão a do convento.

É de ver como os homens tidos por mais çarrancas, mais tradi-
cionalistas, mais misonicistas, não apresentaram, já não direi protesto,
mas queixumes contra essa mutilação que vai sofrer a cidade.

Nenhum deles se enterneceu com a próxima morte daquelas
paredes; e havia tanto motivo para isso! Um convento de freiras é
de alguma forma quinto ato de dramas amorosos.

Certas vezes serviram de prisão doméstica, prisão às ordens desse
juiz-algoz, o pai de família, sempre obediente aos vagos códigos da
honra e da pureza da família, metendo as filhas e parentas nos con-
ventos, quando implicava com o namorado que tinham, ou não o
julgava de nobreza suficiente para a sua prosápia.

Em outras, havia de ser voluntária a reclusão; mas, num peque-
nino cérebro de mulher, naturalmente esse piedoso desejo vinha de
uma decepção amorosa ou de uma forte crença na indignidade de sua
beleza. O amor de Deus vinha após o amor dos homens; e aquelas
paredes que vão ruir sob os aplausos dos estetas e anticlericais, lon-
ge talvez de estarem impregnadas de sonhos místicos, estão, talvez,
saturadas de decepções, de desilusões, de melancolias e desesperos,
posso bem dizer, de revoltas bem humanas.

Com as minhas ideias particulares posso passar sem o passado
e sem a tradição; mas os outros, aqueles que, diariamente, contam

nos jornais histórias do açougue dos jesuítas, anedotas do Príncipe
Natruxa e outras coisas edificantes e épicas, como é que deixam
desaparecer sem uma lágrima, debaixo do alvião bárbaro, aquele
velho monumento, panteão de rainhas, de imperatrizes e princesas?
É que eles estavam convencidos da sua fealdade, da necessidade
do seu desaparecimento, para que o Rio se aproximasse mais de
Buenos Aires.

A capital da Argentina não nos deixa dormir. Há conventos de
fachada lisa e monótona nas suas avenidas? Não. Então esse casarão
deve ir abaixo.

O Passos quis; o Frontin também; mas a desapropriação custaria
muito e recuaram.

Não sei bem que vantagens trará tal coisa. Se, ao menos, fôssemos
levantar ali um Louvre, um Palácio dos Doges, alguma coisa de belo e
grandioso arquitetonicamente, era de justificar todo esse contentamento
que vai pelas almas dos estetas; mas, para substituí-lo por um hediondo
edifício americano, enorme, pretensioso e pífio, o embelezamento da
cidade não será grande e a satisfação dos nossos olhos não há de ser de
natureza altamente artística. Uma coisa vale a outra.

Não é que eu tenha grande admiração pelo velho casarão; mas é
que também não tenho grande admiração nem pelo estilo, nem pela
gente, nem pelos preceitos americanos dos Estados Unidos.

Em matéria de imenso lá estão as pirâmides do Egito; e, como
são simples de linhas e de destino, ainda podem ter alguma beleza;
mas uma casa, uma habitação, com centenas de metros de altura, com
uma fachada de superfície imensa, de forma que não se pode abranger
de um golpe de vista o conjunto e o movimento dos detalhes, não
é só monstruoso, é besta e imbecil.

O convento não tinha beleza alguma, mas era honesto; o tal
hotel não terá também beleza alguma e será desonesto, no seu intuito
de surripiar a falta de beleza com as suas proporções mastodônticas.

De resto, não se pode compreender uma cidade sem esses marcos
de sua vida anterior, sem esses anais de pedra que contam a sua história.

Repito: não gosto do passado. Não é pelo passado em si; é pelo veneno que ele deposita em forma de preconceitos, de regras, de prejulgamentos nos nossos sentimentos. Ainda são a crueldade e o autoritarismo romanos que ditam inconscientemente as nossas leis; ainda é a imbecil honra dos bandidos feudais, barões, duques, marqueses, que determina a nossa taxinomia social, as nossas relações de família e de sexo para sexo; ainda são as coisas de fazenda, com senzalas, sinhás-moças e mucamas, que regulam as ideias da nossa diplomacia; ainda é, portanto, o passado, daqui, dali, dacolá, que governa, não direi as ideias, mas os nossos sentimentos. É por isso que eu não gosto do passado; mas isso é pessoal, individual. Quando, entretanto, eu me faço cidadão da minha cidade, não posso deixar de querer de pé os atestados de sua vida anterior, as suas igrejas feias e os seus conventos hediondos.

Esse furor demolidor vem dos forasteiros, dos adventícios, que querem um Rio-Paris barato ou mesmo Buënos Aires de tostão.

O aspecto anticlerical com que eles escondem esse desejo de fazer da cidade um improviso catita nada vale.

Em geral, são sempre os monumentos religiosos que ficam.

O Partenon era um edifício religioso; e religiosos eram os monumentos da Carnac.

As catedrais góticas irão abaixo quando o catolicismo não tiver mais nem um adepto? Não. A não ser que os velhos turcos venham a conquistar a Europa inteira.

O convento por si só não enfeava tanto a cidade, como dizem; nem tampouco a sua demolição vai diminuir o espírito religioso, nem trazer para as alegrias da vida as freiras que lá estavam enclausuradas.

Demais, não eram muitas, uma meia dúzia, e o seu livramento pode ser obtido com a décima parte do dinheiro por que venderam o imóvel. É só requerer *habeás corpus*...

De todas as instituições religiosas, uma das mais sábias é o convento. Nos antigos tempos, e um pouco no nosso, em que a vida social era baseada na luta e na violência, devia haver naturezas


delicadas que quisessem fugir a tais processos; e o único meio de fugir era o convento.

Era útil e consequente; e, se hoje o gosto por tais reclusões diminui, é porque já na nossa vida há mais tolerância, menos exigências de virtude e de força, menos tiranias domésticas, religiosas e governamentais.

Não há de ser diminuindo conventos com auxílio do alvião dos americanos que teremos a felicidade sobre a Terra. Eles podem ficar, como coisas de museu — ao lado de canhões, de obuses, de fichas de identificação policial, dos códigos forenses, de todo esse aparelho de coação inútil, quase sempre, e contraproducente, nas mais das vezes; o que, porém, precisamos fazer é desentupir a nossa inteligência de umas tantas crenças nefastas, que pesam sobre ela como castigos atrozes do destino.


Os conventos são mudos; mas essas falam. São como os tais mortos que falam, piores do que espectros, do que fantasmas e almas do outro mundo, porque não só metem medo às crianças e às mulheres, mas também aos homens cheios de coragem e ousadia.

Elas é que são flagelos; elas é que nos crestam; elas é que nos tiram a felicidade de viver.

Se fosse possível, com elas, pôr abaixo certos nomes a alvião e a picareta, com bombas de dinamite e com pólvora negra, eu to-pava, sobretudo se se tratasse de um tal Padre Antônio Vieira, um cacetéssimo sermãoista, um matoide trocadilhista, ausente total do pensamento e da emoção, de estilo obeso, como diz Oliveira Martins, ditador ainda das nossas letras, como se ele tivesse escrito alguma coisa de literário! Vamos pô-lo abaixo e deixemos o convento em paz! 


que a água, ao sol, cascadeia prata. Ninguém mais fala nele; mas o jardim está cheio de um século de arrulhos de amores honestos, semi-honestos e mesmo desonestos completamente. Seja como for, e em todo o caso, tem ele cem anos de serviços ao Amor.

E se, como dizem, Vênus é uma deusa vingativa, ela deve ser por isso mesmo agradecida e lembrada dos que lhe prestaram homenagem constante.

Esta panurgiana burguesia atual voltará ao nada; e as palmeiras do jardim – estou bem certo – ainda hão de tornar a ser a guarda de honra imperial, perfilada em continência aos que forem sacrificar no templo da Deusa, filha do Mar e da Praia... 

O Clube de Engenharia

Brás Cubas | 11-7-1918

uem passa na Avenida, à tarde, ali, no canto dela com a Rua Sete de Setembro, encontra um portão largo, que, em arquitetura, tem um nome especial e duro, cheio de velhos gamenhos, derretidos em sorrisos para as mulheres que passam. Esses velhos aos quais se juntam alguns moços, ainda mais gamenhos, são engenheiros ou cousa parecida, e o lugar, a casa, o portão – tudo isso é o Clube de Engenharia.

É uma instituição ainda pior do que a Associação Comercial. É nela que se fazem, se ultimam, se homologam as maiores vergonhas administrativas do Brasil.

Não há judeu, cavador internacional que não lhe receba o patrocínio.

Têm eles sempre a seu dispor o prestígio do clube para dizer que a concessão que pedem é maravilhosa, para o progresso do Brasil; que o nosso país vai ganhar muito com isto e que nós devemos fomentar a indústria particular. Mas

os favores que recebem, os privilégios, as apólices de juro-ouro, tudo o que pode onerar à totalidade da nação, não diz o clube. Precisamos recompensar o capital do... proteger os judeus.

O Teixeira Soares fala; o elegante Carlos Sampaio, que, de professor de Perspectiva e Sombras, passou a ser sabido no Reuleaux da *Mecânica Aplicada*, deita um discurso com ares literários; o Galvão, um soneto bem idiota, e o hebreu recebe a concessão e eles... nada.

Conheço bem esse pessoal de engenheiros. Eles são completamente indignos de semelhante título. São puros niveladores e levantadores de plantas — agrimensores.

O primeiro cuidado que têm os hábeis, é se fazerem lentes da Escola Politécnica, disto ou daquilo. Há lá lugares para todos os gostos e a questão é escolher. Depois de lentes, com o prestígio que lhes dá a posição oficial, se mancomunam com a júdiaria internacional e ei-los cheios de brilho, de dinheiro e de valor.

Um professor de Química Industrial é logo feito diretor de banco e erra bravamente na comparação de frações ordinárias, quando se trata de saber se o câmbio deve ficar mais baixo ou mais alto. Posso citar o nome...

Um outro de Zootecnia é feito presidente da companhia de obras de um porto de Mar de Espanha, e logo que vê um escafandro assusta-se.

Mas eles todos, graças à Cabala crematística do clube, vão adquirindo fortuna, posições, sem que entendam nada daquilo que dirigem ou fingem presidir.

O clube, como todos os clubes, foi feito para isto; e não há idiota que se forme em engenharia e disponha de algum dinheiro que não entre para ele imediatamente.

A nossa época não é das grandes e fortes iniciativas individuais; a nossa época é das associações, dos clubes, dos títulos, das subscrições entre medíocres para se valorizarem.

Ninguém quer se fazer por si, ninguém quer se bater em pessoa; todos querem um... Clube de Engenharia.

Se pudessem saber o mal que semelhante associação tem feito ao Brasil; se soubessem de quantos crimes de lesa-comunhão ela é responsável, todos iriam à porta daquele casarão e correriam aqueles velhos gamenhos à batata. Basta dizer que foi ela quem aconselhou o governo a encampar a antiga “Melhoramentos”, hoje “Auxiliar”, por não sei quantos mil contos, sob o pretexto de que ia fazer concorrência à Central.

Há anos que ela é a Central; e, apesar de estarem sob a mesma direção, uma não auxilia em nada à outra. Não podia, portanto, fazer concorrência...

A “Central” continua a ser a Central; e a antiga “Melhoramentos”, uma estradinha muito vagabunda. Era-o mais quando o governo a encampou e há a esse respeito uma reportagem excelente, no *Jornal do Comércio*, que o Senhor Frontin foi obrigado a contestar. Tenho as duas cousas.

Possuo no Clube de Engenharia amigos; mas sempre hei de protestar contra essa mania de clubes, de academias e associações, de inteligência. As opiniões sobre toda a matéria intelectual não podem ser coletivas. A opinião é individual. É por isso que escrevo isto. E quando aqueles velhos gamenhos da porta do Clube de Engenharia, dessa engenharia de que eles fazem parte e com a qual conseguiram fazer desabar-lhes o edifício duas ou mais vezes, lerem isto e rirem-se, eu lhes direi que: “Rira mieux qui rira le dernier.”

N.B. — O autor atende todas as respostas. ☺

Feiras livres

Careta | 16-7-1921

Não há dúvida alguma que a aproximação do produtor do consumidor é negócio proveitoso para os níqueis deste último.

Foi com esta tenção que o Senhor Dulfe instituiu as feiras livres que atualmente se realizam em várias partes deste Rio de Janeiro.

Nas minhas vizinhanças, isto é, no Méier, há uma delas. Lá fui ter. Não era muito cedo. Não me levanto às primeiras horas do dia, embora seja pobre. Fui às oito horas da manhã. Que lindeza de moças e senhoras!

Nunca as vi tão lindas nem mesmo na Rua do Ouvidor que frequento desde os dezesseis anos quando me matriculei na Escola Politécnica.

Naturalmente, um homem como eu, estando em “feira livre” e vendo tanta moça bonita, havia de ficar contente.

Não aconteceu isto, porém, porque encontrei um ferrabrás que logo implicou comigo.


Esse vagabundozinho dos subúrbios é um tipo lá daquelas bandas que a gente não sabe como vive. Toma uns ares de valentão e não faz nada.

A vida corre-lhe fácil e, sem dificuldades e aborrecimentos, vai comendo o seu feijão e carne-seca. Aparece um dia, entretanto, um outro tipo que não está disposto a respeitar-lhe semelhante lordismo, logo ele se esvai. Foi o que aconteceu com este tal de Bragalhões que vivia com a função feminina de vender “bruxas” de pano e serragem.

Fiquei admirado que essas feiras livres de gêneros de primeira necessidade, isto é, arroz, feijão e carne-seca, fossem também negócio de brinquedos, tal e qual as de Leipzig, mas me contive.

Embora não tivesse exprimido o meu pensamento, esse tal de Bragalhões compreendeu-me e me interpelou. Aí que foi a história!

Nunca ando armado, nem gosto de armas; ele, porém, que é muito valente, tanto assim que tem prontuário na polícia, honra que não me cabe, puxou canhão 420 e quis fazer um disparo. O tal de Bragalhões, porém, não o sabia disparar. Está aí um desastre.

Neste momento chega o Tácito de Moraes Wernes, tenente-coronel do Exército, acompanhado do seu cabo de peça, Capitão Bartolomeu Klier, e logo regulam o canhão, põem-no em posição e fazem o disparo. Bragalhões foi pelos ares... 

A estação

Gazeta de Notícias | 6-10-1921

Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel: é o centro, é o eixo dessa vida. Antigamente, quando ainda não havia por aquelas bandas jardins e cinemas, era o lugar predileto para os passeios domingueiros das meninas casadouras da localidade e dos rapazes que querem casar, com vontade ou sem ela.

Hoje mesmo, a *gare* suburbana não perdeu de todo essa feição de ponto de recreio, de encontro e conversa. Há algumas que ainda a mantêm tenazmente, como Cascadura, Madureira e outras mais afastadas.

De resto, é em torno da “estação” que se aglomeram as principais casas de comércio do respectivo subúrbio. Nas suas proximidades, abrem-se os armazéns de comestíveis mais sortidos, os armarinhos, as farmácias, ou açougues e — é preciso não esquecer — a característica e inolvidável quitanda.

Em certas, como as do Méier e de Cascadura, devido a serem elas ponto inicial de linhas secundárias de bondes, há uma vida e um movimento positivamente urbano.

O Méier é ponto inicial de quatro linhas de bondes, uma até de grande extensão, a de Inhaúma, e outra que leva à Boca do Mato, lugar pitoresco, que já teve fama de possuir bons ares, para curar “moléstias do peito”, como diz o povo.

Além das quatro de que falei, três linhas, vindas do centro da cidade, passam por esta localidade, de modo que a impressão que dá não é bem de um subúrbio, mas de uma cidade média. Junte-se a isto a Central com os seus trens de subúrbios, e verá que não aumento.

É o Méier o orgulho dos subúrbios e dos suburbanos. Tem confeitarias decentes, botequins frequentados; tem padarias que fabricam pães, estimados e procurados; tem dois cinemas, um dos quais funciona em casa edificada adrede; tem um circo-teatro, tosco, mas tem; tem casas de jogo patenteadas e garantidas pela virtude, nunca posta em dúvida, do Estado, e tem boêmios, um tanto de segunda mão; e outras perfeições urbanas, quer honestas, quer desonestas.

As casas de modas, pois as há também, e de algum aparato, possuem nomes *chics*, ao gosto da Rua do Ouvidor. Há até uma “Notre Dame”, penso eu.

Em anos passados, corria de boca em boca uma pilhéria de “revista de ano”, em que se ridicularizavam os elegantes baratos. Fulano, dizia a facécia, é um *gentleman*; veste-se no “Raunier” do Catete e vai ao “Lírico” da Gávea.

O “Raunier” do Catete, se não me falha de todo a memória, ainda eu conheci; era uma modesta alfaiataria, que ficava num sobrado, quase ao chegar ao Largo do Machado. Do “Lírico” da Gávea, porém, nunca tive notícias.

O tipo atingido pelo remoque, bufava, esbravejava, procurava recibos que provassem que ele se vestia no centro da cidade; mas isto era naquele tempo.

Hoje, nenhuma suburbana pobre ou remediada se zangará com quem lhe disser que ela se veste no “Paquin” do Méier, sobretudo se a graçola partir de cronistas mundanos, cuja formatura nas ciências brumescas e artes da *rue de la Paix* foi feita na Universidade do Caicó

de Uruburetama, da Goianá de Simão Dias, e de outras localidades brasileiras universalmente conhecidas pelo seu “esmartismo”.

A pobreza de originalidade e a falta de variedade na nomenclatura das nossas casas comerciais facilitam a semelhantes Petrónios, a prestações, ter espírito, à custa dos subúrbios – coisa que eles não supunham ter quando envergaram pela primeira vez um fraque de sarja, cortado a capricho pelo mestre alfaiate Sabino, com casa no Largo da Matriz, em São Nepomuceno de Guabiroba, no interior do Estado de***.

É de lamentar essa pobreza e essa falta na designação das nossas casas de mercancia.

Os portugueses, quando não as apelidam com os seus nomes próprios e sobrenomes familiares, evocam nas tabuletas nomes e coisas dos lugares de seu nascimento; ou figuras da política de sua terra, reis, etc., ou datas notáveis, tanto de cá como de lá; e, até, fatos domésticos.

Recordo-me de um hotel, ou, antes, casa de pasto, que se chamava – “dos Três Irmãos Unidos”. Por pouco que saibamos semelhante matéria, da qual, o que tudo leva a crer, há uma cadeira nos muitos cursos comerciais que abundam nesta cidade, as tabuletas dos mercadores, nos séculos passados, tinham mais chiste, mais pitoresco e mais personalidade.

Quem não se lembra da “Maison du chat-qui-pelote”, de Balzac, da descrição da “Maison” e das alusões que ele faz a outras?

Eduardo Prado foi mais feliz do que nós. Pôde ver, quando menino, em São Paulo, uma curiosa tabuleta ilustrada, cuja legenda, por ocasião do confisco da primeira edição da sua *A ilusão americana*, em 1893, parodiou bem a propósito.

Contou ele assim a anedota ao repórter que o entrevistou:

Na minha infância, havia na Rua de São Bento um sapateiro que tinha uma tabuleta onde vinha pintado um leão, que, raivoso, metia o dente numa bota. Por baixo lia-se: ‘rasgar pode – descoser, não? Dê-me licença para plagiar o sapateiro e para dizer: Proibir (a *Ilusão*) podem, responder, não.

É, porém, raro que topemos atualmente com exemplares dessa ordem. Em geral, nós não inventamos os títulos das nossas casas comerciais, aliás, de coisa alguma.

As lojas de primeira ordem copiam os das grandes casas das primeiras cidades do mundo; e as dos arrabaldes e subúrbios, por sua vez, copiam os dísticos daquelas e acrescentam o nome da divisão da cidade em que se acham.

Nas cercanias das estações de subúrbios, parece-nos, a ilusão urbana fica completa com essas tabuletas ouvidorianas, onde até o francês figura. Elas indicam as lojas em que se amontoam essas coisas *fashionable* das casas de fazendas, de sapatarias, de bordados, de balas e bombons. Porém, o aspecto mais interessante da “estação” não é esse.

A “estação” é verdadeira e caracteristicamente suburbana, na segunda metade da manhã, principalmente das nove às onze horas. São as horas em que descem os empregados públicos, os pequenos advogados e gente que tal.

Então, é de ver e ouvir as palestras e as opiniões daquela gente toda, sempre a lastimar-se de Deus e dos governos, gente em cuja mente a monotonia do ofício e as preocupações domésticas tiraram toda e qualquer manifestação de inteligência, de gosto e interesse espiritual, enfim, uma larga visão do mundo.

Quem os ouve e sabe dos aumentos de vencimentos de funcionários públicos, que, nestes últimos anos, tem havido, recebe a impressão de que os proventos dos seus cargos diminuem à proporção que aumentam.

Não se abeira de uma roda, quer seja de civis, quer de militares, que não se ouçam queixas contra o governo, objurgatórias contra o Congresso, porque não lhes aumenta os ordenados.

Aquele senhor gordo, que está ali, em pé, fora da cobertura da estação, estudando o ventre e balouçando o chapéu de sol, pênssente das mãos cruzadas atrás das costas; aquele senhor conversa com aquele outro, esgalgado, ossudo, fardado de cáqui de algodão com um boné

escandalosamente agalado e um *pince-nez* de poeta romântico, naturalmente sobre coisa de vencimento. Vamos ouvi-lo:

— Como é que eu, diz o pançudo; eu, um alto funcionário do***, posso ganhar o mesmo que ganhava há dez anos passados? Não é um absurdo? Tudo encareceu, passou ao dobro, ao triplo... Já não digo o armazém; mas, devido à minha posição, tenho que me apresentar decente na sociedade, eu e meus... No começo deste mês gastei — só em sapatos para a família — cento e oitenta e cinco mil-réis... Pode-se lá viver com oitocentos e poucos mil-réis? Não é possível.

O outro, o escanzelado, com a farda, o *pince-nez* de cordel, à poeta de recitativo, e um “livrão” de escritório debaixo do braço, acode:

— É impossível, não há dúvida; mas que quer, coronel? Nós temos um Congresso que não vê essas coisas; que não presta pra nada! E nós, então? Nós que ainda temos os vencimentos de 1910, quando o câmbio era outro?

— Vocês requereram?

— Requeremos a nossa equiparação ao Senado.

Ele diz Senado como se se referisse aos senadores ou, pelo menos, aos oficiais da respectiva secretaria, taquígrafos, redatores de debates; mas não é. Trata-se dos contínuos do Senado, porque aquele manguari fardado é contínuo de uma repartição esquecida; mas esteja ele fardado ou não, a sua convicção de funcionário público dilui a humildade de sua posição e dá-lhe mais força para esticar o esqueleto, no que, afinal, se resume o seu corpo.

Nos cafés, nas casas de pasto, nas vendas dos arredores de sua moradia, o seu porte de espique, o seu ar convicto, a sua imponência em pagar e receber, deixariam longe a majestade de seu diretor, se este procurasse tão modesta paragem para sorver o “Canadian” ou o “White Label”.

Às vezes, esse contínuo chega da repartição à tarde, sobrando grandes livros em branco, pautados e, sempre, puxando de uma das pernas, por causa de um calo, estranho “cabião”, que,

diabolicamente, de quando em quando, teima em desmanchar-lhe o empertigamento de funcionário importante.

Chegando à “sua” estação, apressa-se em entrar em qualquer casa comercial conhecida e vai lá expectorando:

— Na repartição, Eduardo, é isto. Tudo é comigo. É “Seu” Messias para aqui, é “Seu” Messias para ali. Não me dão uma folga... Agora (aponta os livros), deram-me esta prebenda... É trabalho e mais trabalho, mas nada de aumento nem equiparação... Esses governos só a dinamite ...

O brasileiro é vaidoso e guloso de títulos ocios e honorarias chochas. O seu ideal é ter distinções de anéis, de veneras, de condecorações, andar cheio de dourados, com o peito *chamarré d’or*, seja da Guarda Nacional ou da atual segunda linha. Observem. Quanto mais modesta for a categoria do empregado — no subúrbio pelo menos — mais enfatuado ele se mostra. Um velho contínuo tem-se na conta de grande e imensa coisa, só pelo fato de ser funcionário do Estado, para carregar papéis de um lado para outro; e um simples terceiro oficial, que a isso chegou por trapaças de transferências e artigos capciosos nas reformas, partindo de “servente adido à escrita”, impa que nem um diretor notável, quando compra, se o faz, a passagem no *guichet* da estação. Empurra brutalmente os outros, olha com desdém os malvestidos, bate nervosamente com os níqueis... A sua pessoinha vaidosa e ignorante não pode esperar que uma pobre preta velha compre uma passagem de segunda classe. Tem tal pressa, a ponto de pensarmos que, se ele não for atendido logo, o Brasil estoura, chega-lhe mesmo a esperada bancarrota...

Outra mania dos burocratas, e que eles exibem na estação, é a sabença e a formatura. Todos eles têm em alta conta o seu saber, principalmente em português. Leem esses anarquistas da língua refeitórios gramaticais, que os jornais trazem, e saem de palmatória em punho, a emendar toda a gente.

Os senhores devem ter verificado que todo sujeito de poucas luzes, de horizonte intelectual estreito, sem nenhuma faculdade intelectual

de primeira ordem seja nesta atividade ou naquela, gaba-se de saber português e vinga-se da sua inferioridade notando as negligências e descuidos nos outros. Dessa espécie de gente têm nascido as críticas a Camões e outros grandes autores da língua. Entre nós, então, não há quem lhes escape. Gonçalves Dias foi acusado de não saber a língua, tanto que escreveu as *Sextilhas de Frei Antão*, no gosto dos clássicos, para responder aos críticos. Quem não se lembra dos ataques de má-fé que José de Alencar sofreu, por parte de gramaticantes estrábicos, entre os quais estava o irmão do célebre visconde de Castilho?

Em geral, contra esses críticos, pode-se fazer virar a crítica deles; mas é perder tempo. Com Camilo Castelo Branco, que era quem era, os Senhores Guilherme Bellegarde e Carlós de Laet fizeram isso e o romancista do *O esqueleto* saiu-se mal. Quem quisêr conhecer esse interessante episódio literário, leia o trabalho do primeiro, intitulado: *Locuções da Língua Portuguesa*.

Os burocratas, porém, não imaginam, nem medem as vacilações deste nosso português indisciplinado, por causa dos gramáticos, que não o deixam “assentar”, e levam sempre a “mexê-lo”. Não medem, a ponto de permitir que, com toda a segurança, num banco de estação de subúrbio, um deles se refira aos conhecimentos de um colega desta maneira:

— O novo amanuense? Você fala do Isidro?

— Sim.

— Ele pode saber francês, história, geografia; mas português não sabe. Há dias, numa parte de doente, escreveu — “afetado de gripe”; ainda ontem, não sei a que propósito, escreveu: “um dos que foram”. Sabe lá português!

O trem não chegava e os dois conversavam. Um, o “preparado”, tinha um pequeno *cavaignac* pontiagudo e curto, “mosca”, uma cara de máscara de papelão, com o seu nariz adunco, olhos empapuçados, saltando-lhe das órbitas, e uma tinta ocre de tez.

Falava sem interrupção, como um papagaio, cheio de suficiência e presunção. Conhecia-o de vista. Certas manhãs, quando ia ler os

jornais no botequim mais próximo de casa, via-o a cavalo, reluzentes meias-botas de verniz, esporas de prata, chicote de castão e correntinha também de prata; via-o em cima de um cavalo chucro, fêlpudo, feio, esticando o pescoço muito para a frente, num esforço doído para carregar o seu pimpão de cavaleiro, que, na sela, ia de baixo para cima e vice-versa, mas sem perder nunca, na fisionomia, o ar de fidalgo rico que passava a cavalo, no Bois de Boulogne, a sua prosápia e a sua *morgue*.

Só deixava de falar, aquela espécie de valete de copas, ou amável máscara de carnaval, quando chupava o cigarro, a fumegar numa modesta piteira de coco. O seu companheiro não tinha ademanos e falava com toda a simplicidade. O valete de copas continuou:

— Hoje não entram mais bons empregados; todos, saibam ou não, passam em concurso. Quando entrei, éramos vinte e cinco; só foram habilitados onze. Hoje!...

Chupou a piteira e acrescentou:

— Há exceções. Agora mesmo, acaba de entrar um bem hábil. É verdade que não é formado mas...

Este “formado” ele disse mais de uma vez, com voz pausada, quase destacando as sílabas; e isso porque, na sua qualidade de burocrata formado, se julgava superior aos que não o eram.

O valete de copas é formado, mas em fârmácia; e exerce um cargo público “técnico” que nada tem a ver com as cousas de botica. “Técnico”? — perguntarão admirados os senhores. Que espécie de “técnico” é esse? Explico: hoje, todos os burocratas se julgam técnicos. São técnicos os da Contabilidade da Guerra, os dos Correios, os dos Telégrafos, os do Tribunal de Contas, os contínuos de Sua Excelência, os porteiros das casas do Congresso, os amanuenses do Supremo Tribunal, etc., etc. O valete pertencia a uma dessas repartições, logo...

Os dois continuaram a conversar; mas deixei de ouvi-los, pois fui atraído para uma menina que passava carregando uma caixa de violino, um rolo de músicas e um livro. Passou bem junto a mim e pude ler a lombada do livro: *A toutinegra do moimho*.

Pobre moça! Lê Montépin e vai para o Instituto de Música! Pra quê? No instituto, só têm talento musical as moças ricas e bem-aparentadas...

A essa hora, na estação, as moças e senhoras escasseiam; a delas é mais tarde, para depois do meio-dia.

Às vezes, porém, aparece uma ou outra, desgarrada. Quando se dá isso, todos aqueles exemplares chefes de famílias e exatos funcionários estremecem nos seus assentos. Esses resistentes botarêus do Estado, sacolejam um pouco e ameaçam, por segundos, com o seu rápido abalo, a segurança da nossa catedral administrativa. Cochicham alguns, olhando de esguelha a senhora ou a moça, caluniando-a ou segredando inúteis verdades; outros esquecem a equiparação ou o aumento de vencimentos e sonham com versos, e o valete de copas manda às favas as *Apostilas da Língua Vernácula* e põe bem à vista o anel de boticário.

E provocando tais reações naqueles veneráveis passageiros, foi assim que duas senhoras se puseram de pé, à espera do trem, bem na minha frente.

Dizia uma à outra, guardando na carteira a passagem que acabava de comprar:

— Onde vais tão cedo?

— Ao médico.

— Na cidade?

— Sim; na cidade.

— Para quê?

— É... é... mas... Vou ao doutor Gomensoro, que é lente... Minha moléstia não quer dar uma volta...

— Muito caro; depois, espera-se tanto...

— Que se há de fazer? Preciso. Quanto à espera, nem se sente. O consultório é tão bem mobilado, tem tanta revista ilustrada... A gente se distrai, e bastante, enquanto o tempo passa depressa. Arranjam-se até boas relações... Estou muito camarada da senhora do senador Bracabante...

Lembrei-me do famoso versículo do Eclesiastes; mas o comboio apontava. A locomotiva veio beirando a plataforma, maciamente, obediente à curva dos trilhos e à mão do maquinista. Passou por mim arfando. Vi bem de perto aquele monstro negro, com manchas amarelas de cobre, dessorando graxa, azeite, expectorando fumaça e vapor. Recordei-me dos animais antediluvianos, do megatério, de todos esses bichos disformes de épocas longínquas. Nenhum se parecia com aquele que passara pelos meus olhos, no momento. É um monstro sem parentes na natureza; é um parto teratológico da inteligência humana. Lá se vai ele arrastado pelas rodas, grandes e pequenas, que giram pausadamente. Procuo os padrões de beleza que tenho na cabeça: comparo-os com a locomotiva. Não obtenho nenhuma relação. É deveras um monstro nascido sem modelo, da nossa mentalidade. É feito para correr quilômetros, voar resvalando pelo solo como as emas e tragar distâncias; mas aquele que acaba de passar na minha frente, do qual ainda sinto o bafo oleoso e está no outro extremo da plataforma, parado, a resfolegar de impaciência, fálhou o seu destino. Não pode correr à vontade, não pode voar, resvalando pelo solo como as emas, não pode tragar o espaço... Tem que economizar a sua força e a sua velocidade, a fim de estar sempre pronto a parar nas estações, de quinze em quinze minutos, às ordens do horário. Como há de sofrer aquela locomotiva, com vida tão medíocre...

O trem de subúrbios

Gazeta de Notícias | 21-12-1921

Nas mãos de um amigo e em casa dele, certa ocasião vi um álbum de desenhos de Daumier, que me encheram de um pasmo artístico perdurável até hoje. Confesso que, naquela época, e isto vai para mais de quinze anos, eu não conhecia semelhante desenhista. Dos do seu tempo, só tinha notícias de Gavarni, isto mesmo por citações de jornais a respeito de Ângelo Agostini. Foi uma descoberta; e sempre tive tenção, da qual ainda não me desprendi inteiramente, de mandar buscar esse álbum; mas...

Dos desenhos, aquele que mais me feriu e impressionou, foi o que representa um carro de segunda classe, ou daqueles que, em França, equivalem à nossa segunda.

Aquelas caras tristes, tangidas pela miséria, oprimidas pelo exaustivo trabalho diário; aquele cachimbar de melancolias; aquelas mulheres com os xales à cabeça, e magras crianças ao colo – tudo aquilo me ficou; mas não foram só os detalhes que aí deixo e cuja exatidão não garanto



inteiramente, que me calaram fundamentalmente n' alma. O que me impressionou mais foi a ambiência que envolve todas as figuras e a estampa registra, ambiência de resignação perante a miséria, o sofrimento e a opressão que o trabalho árduo e pouco remunerador traz às almas.

A segunda classe dos nossos vagões de trens de subúrbios não é assim tão homogênea. Falta-nos, para sentir a amargura do destino, profundidade de sentimentos. Um soldado de polícia que nela viaja não se sente diminuído na sua vida; ao contrário: julga-se grande coisa, por ser polícia; um guarda-civil é uma coisa importante; um servente de secretaria vê Sua Excelência todos os dias e, por isso, está satisfeito; e todos eles, embora humildes, encontram na sua estreiteza de inteligência e fraqueza de sentir motivos para não se julgarem de todo infelizes e sofredores. Só alguns e, em geral, operários é que esmaltam no rosto angústia e desânimo. Porém, a indumentária variada merecia que um lápis hábil a registrasse. Aquelas crioulas e mulatas inteiramente de branco, branco vestido, meias, sapatos, ao lado de portugueses ainda com restos de vestuários da terra natal; os uniformes de cáqui de várias corporações; os em mangas de camisas e algum exótico jaquetão de inverno europeu, acompanhado do indefectível cachimbo — tudo isso forma um conjunto digno de um lápis ou de um pincel.

Habitualmente não viajo em segunda classe; mas tenho viajado, não só, às vezes, por necessidade, como também, em certas outras, por puro prazer.

Viajo quase sempre de primeira classe e isso, desde muito tempo. Quando, há quase vinte anos, fui morar nos subúrbios, o trem me irritava. A presunção, o pedantismo, a arrogância e o desdém em que olhavam as minhas roupas desfiadas e verdoengas, sacudiam-me os nervos e davam-me ânimos de revolta. Hoje, porém, não me causa senão riso a importância dos magnatas suburbanos. Esses burocratas faustosos, esses escrivães, esses doutores de secretaria, sei bem como são títeres de políticas e politiquinhos.

Porque é no trem que se observa melhor a importância dessa gente toda. Eles estão na sua atmosfera própria que os realça

desmedidamente. Chegam na Rua do Ouvidor, e desaparecem. São uns fantoches. Os senhores estão vendo aquele cidadão grave que fala com a siseudez de um sábio da Grécia e não se cansa de aludir ao cargo que ocupa, sabem como ele arranjou tal lugar? Não sabem. Pois eu sei. Ele queria ocupá-lo, mas o emprego era de concurso. O tal cidadão, que fala tão imponentemente de importantes questões administrativas, é quase analfabeto. Que fez ele? Arranjou servir adido à repartição que cobiçava, deixando o lugar obscuro que ocupava numa repartição obscura do mesmo ministério. Tinha fortes pistolões e obteve. O diretor, que possuía também um candidato, para a mesma causa, aproveitou a vaza e colocou de igual forma o seu. Há um fim de ano de complacências parlamentares e todos eles arrancam do Congresso uma autorização, na cauda do orçamento, aumentando os lugares, na tal repartição cobiçada, e mandando também aproveitar os “adidos”. Está aí donde vem a importância do homenzinho que não cessa de falar como um orador.

Mas quem o vê limpinho, cuidadinho, bochechudinho, decretando saber, não pensará que ele chegou a tal maneira.

Isto, porém, não é o pitoresco do carro.

Pela manhã, aí pelas nove e meia até às dez e meia, o carro de primeira é banalizado por esses cupins de secretarias e escritórios.

Pelo correr do dia, porém, ele se torna mais pitoresco. É a hora em que descem as moças e a hora dos namoros ferroviários.

No subúrbio, como em todos os bairros, há rapazes, cuja única esperança está no casamento. Sem ofício nem benefício, vivendo de profissões equívocas ou de expedientes, eles esperam a paixão salvadora de uma pequena de boa ascendência, para se colocarem.

Semelhante gente vive de um modo singular. Do pai, obtém casa e comida, graças à ternura da mãe; e, lançando mão deste e daquele recurso, conseguem dinheiro com que pagam ternos a prestações e mais peças de vestuário. A esperança deles está no casamento, por que contam com duas coisas: os pais têm necessidade de descartar-se das filhas caseiras. Para conseguirem isso precisam de genros; e,

estando os candidatos desempregados, os pais amoráveis tratam de empregá-los. Eis aí.

De uma instrução descuidada, senão rudimentar, eles não se querem sujeitar às colocações de que são merecedores naturalmente. Querem mais acima do que sabem e do que podem desempenhar na vida. O alvo deles, em geral, são os diversos departamentos da Estrada de Ferro Central do Brasil. O candidato suburbano de emprego público pensa sempre na Central, para salvá-lo e dar-lhe estabilidade na existência.

Um bonezinho de auxiliar (condutor de trem) ou de conferente é a meta dos seus sonhos; e é, para ele, quase como o chapéu armado de general com o seu respectivo penacho.

Nas primeiras horas da tarde em que as passeadeiras suburbanas descem até a cidade, os cavalheiros que viajam são, em geral, desse jaez. O maior trabalho deles é achar lugar. Convém notar que os carros estão semivazios; mas, eles correm vagão por vagão, para achar lugar. Chamam a isto topar um banco em que possam deitar “foguetões” a uma moça ou rapariga das proximidades que seja acessível à melosidade idiota dos seus olhos de namorados profissionais. Se não acham um banco a jeito, põem-se na plataforma, a fazer gatimanhas, a concertar a gravata, para chamar a atenção da deidade. Antigamente, sem necessidade, viravam até o banco para ficarem bem de “enfiaida”; houve, porém, uma ordem proibindo isso, a menos que viajassem quatro amigos ou quatro pessoas da família e eles acatam mais ou menos tal ordem.

Nessas horas, o trem não cheira mais a política, nem a aumento de vencimentos, nem a coisas burocráticas. O trem tem o fartum de cinematógrafo. É Gaumont para aqui, é Nordisk para lá; é Chico Boia; é Theda Bara – que mais sei eu, meu Deus!

O execrável *football* também é conversa obrigada das moças e senhoras que gastam em saber nomes e coisas de tão nefando jogo uma energia mental que podia ser mais bem empregada na administração de suas modestas casas.

Os vestuários, com raras exceções, são exageradíssimos. Botafogo e Petrópolis exageram Paris; e o subúrbio exagera aqueles dois centros de elegâncias.

Não generalizo, porque, nessas coisas, erra quem quiser generalizar. Registro o aspecto saliente que fere o imodesto; porque o modesto paira na sombra e ninguém o nota.

Os cavalheiros, com suas roupas a prestações, também se arreiam à moda dos “almofadinhas” das confeitarias de *rendez-vous* elegantes.

Tarde, nas suas *Leis de imitação*, diz que todo o progresso social se deve em parte à invenção ou a invenções de um grupo, propagadas por toda a sociedade circundante, por imitação. Cito de memória.

É pena que a imitação desses rapazes fúteis e dessas moças levianas se encaminhe para coisas tão de nonada. Bem podiam eles e elas dirigir tão fecundo fator de aperfeiçoamento social para atividades mais altas. Mas, o que se há de fazer? É assim...

À tarde, a feição do trem muda; é mais complexa, porque se misturam burocratas, militares, “almofadinhas”, meninas de Normal e da Música, tudo de cambulhada, ficando a fisionomia do trem muito confusa, de forma que é difícil tirar um traço seguro dela.

Os carros são tomados de assalto, ainda em movimento. Bem cedo, estão cheios. É então que há cerimônia de dar o lugar.

Foi sempre um pavor para mim, essa curiosa cerimônia nacional que já desapareceu dos bondes.

Chegam Nenê e laiá, e não acham banco vazio. Põem-se em pé, ao lado de um banco em que há dois cavalheiros e que elas suspeitam ser um deles sensível e amável. Suponhamos que o que fica na frente, chama-se Guedes e é das “Obras Públicas”, e o que fica no canto, acode pelo nome de Nunes e é da prefeitura. Os dois não se conhecem. Guedes lê *A Notícia* e Nunes, o *O Combate*.

laiá cochicha com Nenê; riem-se ambas e ambas olham para os dois cavalheiros. Nenhum se dá por achado. Continuam as moças no seu jogo. Nunes e Guedes resistem heroicamente.

Vendo as meninas que os cavalheiros não se rendem aos seus sorrisos de ironia tendenciosa, mudam de tática; e laíá toma a iniciativa de suspirar e dizer alto:

— Ai, meu Deus! Em pé, até o Méier! Que inferno! Nené secunda:

— Ainda é feliz, porque vai até ao Méier. E eu que vou até Quintino!

O sensível Guedes não resiste mais. Dobra o jornal e oferece o seu lugar às moças.

Nunes, embora amuado, em vista do procedimento do companheiro, vê-se obrigado a fazer o mesmo. Lá vão laíá e Nené bem sentadinhas, enquanto Guedes e Nunes sofrem atrozes dores nos calos.

É verdade que, no carro, há pregados, em diversas partes, anúncios de calistas e de remédios para calos. É curá-los. Só tem calos quem quer... 